

ISSN 2764-0434

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



V.7 N.1 DEZEMBRO DE 2021



INSTITUTO FEDERAL
Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul

Ministério da Educação
Instituto Federal Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



ISSN 2764-0434

Hist. que mer. ser cont.	Sapucaia do sul	v. 7	n. 1	p. 1-46	2021
--------------------------	-----------------	------	------	---------	------

© 2014. Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem a prévia autorização deste órgão.

Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Sapucaia do Sul
Av. Copacabana, 100 - Piratini
Sapucaia do Sul - RS
CEP 93216-120
Telefone: (51) 3452-9240
E-mail: comunicacao@sapucaia.ifsul.edu.br

Editora:
Vanessa de Oliveira Dagostim Pires

Projeto gráfico e diagramação:
Patrícia Hammes Strelow
Vanessa Levati Biff

Periodicidade semestral

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

H673 Histórias que merecem ser contadas / Instituto Federal Sul-rio-grandense. — v. 1 , n. 1, (jun, 2014). Sapucaia do Sul: IFSul, 2014-.

Semestral

1. Literatura -- Periódicos. 2. Estudantes de educação de jovens e adultos -- Periódicos. I. Título.

CDU 82-32(05)

Bibliotecária responsável: Vanessa Levati Biff - CRB 10/2454

SUMÁRIO

Apresentação.....	8
Vanessa de Oliveira Dagostim Pires	
Texto do convidado.....	10
Roselei Haag	
Memórias de um fila alemão	13
Alberi M Rodriguês	
Amor de Infância	15
Ana Paula Querobin	
Meu último dia de férias	21
André Luis R. de Souza	
Deus do Impossível.....	23
Bruna Silva Piegas Barbosa	
Infância.....	27
Candida Moura	
Banho de chuva	28
Indiana Lenir Veloso	
Empreendendo	29
Janaina Carvalho Nobre	
Um Milagre chamado Alice Emanuelle	31
Jaqueline Rolim Pedroso	
Foi assim.....	35
João Batista Müller	
Quem acredita sempre alcança.....	39

Katleen Abdun da Silva

Sexta Feira Santa.....42

Marco Aurélio Kulmann de Vargas

Dois Minutos44

Mariclei Vianna

Saindo da caverna 46

Mirian Vieira Soares

Meu sonho de pequena 48

Taiane de Andrade Chaves

O homem na escuridão 50

Thiago da Silva Ferreira

Mulher Guerreira.....52

Viviane Santos do Santos

Apresentação

O projeto “Histórias que merecem ser contadas” é construído ao longo do quarto semestre do Curso Técnico em Administração, Modalidade Proeja, na disciplina Português IV, e pretende valorizar as experiências de vida dos alunos. Através da narrativa de uma história relevante, os estudantes aprimoram a capacidade de expressão através da escrita, aplicam o conhecimento linguístico e resgatam o valor do aprendizado que acontece além dos muros da escola. Após a aplicação das sequências didáticas que resultam na escrita das memórias pelos estudantes, estas são reunidas em uma publicação, diagramada, editada e publicada. O projeto proporciona a aproximação das famílias e da comunidade. O projeto foi criado em 2013, pela professora Suzana Trevisan¹, que atualmente está em licença para estudos e já contou com dois volumes nacionais. Devido à pandemia do Covid-19 e da realização das aulas por via remota, esta é a terceira edição desenvolvida de forma on-line.

Entregar à nossa comunidade mais um volume deste projeto é uma grande conquista, principalmente por ainda estarmos vivendo as consequências da pandemia, as aulas remotas de forma on-line, as dificuldades de acesso, a crise econômica e política do nosso país. Ainda estamos aqui, escrevendo nossas histórias, projetando nossas vozes, lutando pela educação pública, gratuita e de qualidade, na educação de jovens e adultos da rede federal.

Um pouco mais cansados, é verdade, e com o fôlego abalado pelo vírus, pelo descaso, pelo atraso da vacina, pelo negacionismo,

¹ É possível ter acesso às edições do projeto desde o ano de 2014 no endereço: <http://www.sapucaia.ifsul.edu.br/ultimas-noticias/2019-historias-que-merecem-ser-contadas-2>

pela ansiedade da incerteza do amanhã. Mas, nossos corações seguem vivos, sentindo alegrias, tristezas, dores, amores, decepções, raiva, amargura, esperança. Seguimos vivos para viver e compartilhar o que vivemos. Nesta edição, produzida em dezembro de 2021, são dezesseis corações de estudantes e dois corações de professoras, que se abrem para compartilhar essas emoções. Aí do outro lado, esperamos que você também abra seu enorme coração de leitor, para viver tudo isso conosco. Vamos?

Vanessa de Oliveira Dagostim Pires
Editora

Texto do convidado

Ao iniciar este texto, a primeira palavra que me vem à mente é gratidão. Gratidão pela lembrança e pela escolha do meu nome para participar deste belíssimo projeto que o Curso Técnico em Administração EJA/EPT realiza, denominado “Histórias que merecem ser contadas”. Saber que fui importante na história desta turma tão querida transborda meu coração de felicidade. Ao citar esse projeto, vale ressaltar que é uma das estratégias pedagógicas já consolidadas na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, que ocorre no quarto semestre (Turma 4F) do curso. Parabéns, professoras Suzana Trevisan e Vanessa de Oliveira Dagostim Pires, pela excelência deste projeto.

Foi com muita emoção, que em uma noite de sexta-feira após dois turnos de aula, recebi o convite da Professora Vanessa, a pedido da turma 4F 2021/1, para participar desta publicação na seção “Texto do convidado”. Confesso, que neste quase um ano como docente do IFSul - campus Sapucaia do Sul, receber tal honra foi o momento mais emocionante desta minha pequena jornada na instituição, e porque não dizer, um dos momentos mais marcantes da minha trajetória profissional.

Além disso, devo admitir que atuar como docente do Proeja, foi mais um dos tantos desafios da minha vida, da minha história. Foram muitos momentos de autocrítica, de reflexão e de dúvidas em relação as minhas práticas de ensino. O educador Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, afirma: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Este é o norte da minha jornada. De tal modo, vocês discentes e eu somos participantes do mesmo processo de construção da aprendizagem, nessa troca constante de experiências e de

conhecimento. Espero, sinceramente, que eu esteja no caminho certo!

Mas, por falar em desafio, por que não falar em desafio maior do que esse em que cada estudante se propôs a descrever um momento inesquecível em suas vidas? Este projeto permite a cada discente se desafiar, a abrir o seu coração e a apresentar em formato de narrativa um episódio significativo de sua vida. São histórias tristes ou divertidas, histórias de resiliência e superação, histórias de sonhos ou esperanças.

Caro(a)s leitores(as), vocês sabem o que é o mais lindo disso tudo? É que este projeto nos dá a possibilidade de conhecer um pouco mais da experiência de vida destes estudantes, dos(as) protagonistas destas histórias maravilhosas que merecem ser contadas e que merecem ser apreciadas por todos. Sinto muita admiração e orgulho de cada um(a) dos(as) integrantes desta turma. Pessoas maravilhosas, batalhadoras, dedicadas e incríveis as quais levarei para sempre no coração e na memória. Fico muito feliz por nossos caminhos terem se cruzado.

Por fim, é com muita satisfação que escrevo esse texto e compartilho um trecho de uma música que marcou a minha adolescência, mas cujos versos ecoam até hoje na minha mente, principalmente em momentos como este, de gratidão. O trecho em questão, é da música “Mais uma vez”, composta por Renato Russo e Flávio Venturini em 1986, e que fez sucesso na voz de Renato Russo (Legião Urbana). A letra dessa música entre tantas coisas, fala sobre esperança, confiança em nós mesmos e de não desistirmos dos nossos sonhos. E é de coração que desejo a vocês, queridos(as) estudantes, que acreditem no seu potencial e que nunca desistam dos seus sonhos. Meus mais sinceros aplausos e um forte abraço, com muito carinho.

“Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena
Acreditar no sonho que se tem
Ou que os seus planos nunca vão dar certo
Ou que você nunca vai ser alguém
Tem gente que machuca os outros
Tem gente que não sabe amar
Mas eu sei que um dia a gente aprende
Se você quiser alguém em quem confiar
Confie em si mesmo
Quem acredita sempre alcança!”

Roselei Haag

Memórias de um fila alemão

Alberi M Rodrigues



No dia 15 de setembro do ano de 2019, eu estava em minha residência, na cidade de Sapucaia do Sul. Era um final de tarde e minha família estava reunida tomando um chimarrão, como de costume antes do jantar.

Quando olhei para o portão, não imaginava que estava chegando alguém que iria trazer muito mais felicidade para meu lar. Eu fiquei surpreso com a visita do

meu sobrinho Cristiano, que chegou com uma pequena caixa de papelão, trazendo para mim de presente um filhote de fila alemão, era uma fêmea.

Cristiano, tinha 30 anos nesta época e eu tinha 38 anos. Quando eu abri a caixa, meu coração disparou de alegria, ouvindo ela latindo brava, mesmo sendo tão pequena, meu filho João, falou que ela poderia ser chamada de Shiva.

Cristiano ganhou Shiva de um amigo dele, em Sapucaia do Sul. Eu fiquei muito feliz, nesta época eu estava sem nenhum cachorro.

Ela é muito importante para nossa família, porque quando fazia um ano que ela estava conosco quase a perdemos, devido a um ataque de vermes. Tivemos que levar Shiva no veterinário, ela

tomou medicação para os vermes e foi liberada. Não chegou a perder peso, apenas teve ânsia de vômito muito forte.

Shiva adora passear, nos finais de semana somente eu levo ela para passear, devido a força dela, têm que ter cuidado para segurá-la. Shiva veio de uma ninhada de nove irmãos, foi desmamada com 45 dias de vida. Hoje ela está com 2 anos e é a única sobrevivente de seus irmãos.

Shiva é grande e forte, super protetora do lar e da família, ela adora brincar, todos os dias com o meu filho João, agora com 18 anos, sua brincadeira preferida é correr atrás de suas bolinhas de taco.

Shiva tem duas bolinhas de taco, uma delas já está sem pelo de tanto ela morder. Tenho muito carinho por este presente, que até hoje proporciona muita felicidade para minha família

Amor de Infância

Ana Paula Querobin



Minha história de amor inicia por volta dos meus 9 anos. Na verdade, eu não sabia que seria história de amor, pois éramos somente vizinhos, morávamos na mesma rua, dava uma diferença seis casas a distância entre uma e outra, pois ele nem sabia que eu existia naquele momento.

Como toda a criança normal, eu brincava aos finais de semana, e tinha um amigo que morava do lado da minha casa, ele se chamava Edi, era o meu melhor amigo e irmão. Nós crescemos juntos, estudávamos na mesma escola, nós éramos como um chiclete, para quem eu contava tudo meus segredos. Nós brincávamos de jogar vôlei, andar de bicicleta, taco, pega-pega, enfim, nós éramos muito amigos.

Em um dia lindo, eu peguei minha bicicleta e fui dar umas voltas pelo bairro como eu sempre eu fazia. me deparei com ele na esquina, aquele momento parecia que o tempo paralisou, nossa!!!

Aquele olhar até hoje eu lembro, mas ele nem deu muita bola, eu era uma criança, nem sabia o que estava acontecendo comigo.

Meu amigo Edi e eu ficávamos às vezes tarde da noite conversando na frente de casa com outros amigos da rua. Certo dia, nós estávamos sentados no cordão da rua, era a tarde, quando percebi longe vindo em nossa direção uma pessoa de bicicleta, percebi que era ele, Meu Deus! Aquele momento descobri que Edi era o melhor amigo dele. Nós fomos apresentados, ele se chamava Wagner, eu fiquei chocada, toda errada, sem jeito, com muita vergonha, meu coração parecia que ia sair pela boca. O meu amigo percebeu na hora, que estava estranha, na hora fui embora, quase correndo. No dia seguinte, meu amigo me perguntou o que tinha acontecido, por que eu fiquei estranha, pois eu também não sabia o que estava acontecendo comigo, era tudo estranho, mas só falei para ele que eu não conseguia parar de pensar no amigo dele, naquele olhar dele... Então meu amigo simplesmente falou com todas as letras: “você se apaixonou por ele”. Na hora fiquei confusa, estranha, mas perdi para ele guarda esse segredo com sete chaves.

Naquele momento eu estava descobrindo o que é o amor. O tempo passou, crescemos e nos tornamos adolescentes, nós estudávamos na mesma escola, a irmã dele estudava comigo, cada dia que passava estava difícil de esconder aquele sentimento, eu não conseguia disfarçar os meus olhares para ele. Os anos foram se passando, eu já tinha 12 anos e ele estava com 15. Wagner vivia indo na casa do meu amigo Edi, quase todos os dias ele ia. Eu não saía da frente de casa só cuidando dele, admirava ele, sonhava com aquele olhar, meu Deus eu já estava amando.

Um dia, Edi comentou com ele sobre mim, e ele respondeu que me achava muito interessante, que eu era muito bonitinha. Nossa, ouvindo aquelas palavras fiquei nas nuvens, dava pulos de felicidade, achava que ele nem me percebia, fiquei muito feliz com

aquilo! Passou um tempo e comecei a perceber que ele olhava para mim diferente, eu ficava toda errada quando ele me encarava, sem jeito mesmo.

Ele nem imaginava que eu já o amava demais, que cada dia esse sentimento só aumentava, que esse amor era forte, intenso, puro. Até que um dia, meu amigo Edi falou para ele que eu o amava há muito tempo, ele na hora ficou feliz, disse que já me admirava.

Então, ele que pediu para meu amigo me conhecer melhor, queria ficar comigo, pediu para meu amigo arrumar nossos lados. Edi foi nosso cupido, marcou um dia com ele para me levar até a escola. Mas, tinha um problema, eu estava com muito medo, porque nunca tinha beijado ninguém, seria o meu primeiro beijo, estava com medo: como seria o nosso primeiro beijo? Será que ele ia gostar? Será que eu ia conseguir? Ai, meu Deus!

Mas eu fiquei completamente feliz, sabendo que eu ia beijar aquela boca linda dos meus sonhos. No dia 4 de junho de 1999, o grande dia, um dia lindo, não tinha nem dormido direito, estava muito nervosa, muito ansiosa, estava me arrumando para ir pra escola. Saí de casa e quando olhei, lá estava ele me esperando na frente da sua casa, nós íamos juntos à escola, eu tremia toda, mal conseguia falar de tão nervosa, mas nós caminhando não conseguimos nem falar, estávamos muitos nervosos e com pouco de vergonha. Nós estávamos chegando perto do fórum, que era no caminho da escola, ali a gente subiu as escadas, e foi ali que nós demos nosso primeiro beijo. Ele parou, pegou minha mão, e outra mão colocou no meu rosto, e assim ele me beijou com muita delicadeza, muito gentil, com muito carinho. Eu fiquei sem respirar, me deu frio na barriga, tremia toda, mas foi mágico, foi intenso, foi lindo. Depois nós nos olhamos, ficamos um tempo ali se conhecendo, logo fomos para escola.

Bom! Eu já estava amando-o bem antes, e depois disso amando bem mais. O tempo passou a gente ficava escondido por causa da mãe, ele sempre me respeitando, era muito gentil, carinhoso. Nós éramos muito novos na época. Certo dia, ele veio com olhar muito triste me contar que estava indo embora, que não podia ficar comigo porque nós éramos muitos novos, que nós tínhamos que crescer para aquele momento. Caiu o mundo para mim, as minhas lágrimas desceram sem parar, não estava acreditando, ouvindo tudo aquilo, entrei em desespero, como eu ia ficar longe dele? Eu não ia suportar isso! Saí correndo, furiosa com ele, sem entender o porquê ele estava indo, meu coração ficou em pedaços, não conseguia acreditar, só chorava sem parar, ninguém entendia o porquê eu estava daquele jeito, minha família ficou preocupada, o único que sabia que estava acontecendo era meu amigo Edi. Depois daquele dia, fiquei dias na cama, entrei numa tristeza muito grande, não tinha forças para enfrentar a vida sem ele.

Meu amigo Edi me contou que ele já tinha ido embora, foi para Santa Cruz do Sul, para a casa dos tios dele, para trabalhar na lavoura, que eles estavam precisando de ajuda na lavoura, e disse que era pra eu esperar por ele.

Mas o destino mudou nossos planos, por muito tempo eu evitava de passar na frente da casa dele, fazia a volta na quadra, me sentia muito ruim. E assim foi por muito tempo, à espera dele, se passaram dias, meses, anos.

Eu já tinha 20 anos, na época, quando meu amigo Edi veio com um convite de casamento para me mostrar, quando eu abri aquele convite cheguei a desmaiar na hora, passei muito mal. Não acreditava que eu tinha perdido ele para sempre. A tristeza que eu senti na hora me fez fechar meu coração pra sempre.

Depois de 2 anos, eu já tinha 22 anos, era já uma mulher, quando conheci uma pessoa, nos casamos, mas não foi por amor, foi mais por uma amizade porque ele sabia que estava sofrendo por uma pessoa muito especial que tinha deixado marcas. Ele sabia que meu coração já tinha dono, sabia que eu amava muito ele, mas mesmo assim quis ficar comigo. Resumindo: meu casamento não tinha sentimento, porque éramos mais amigos do que marido e mulher, não tinha amor pela minha parte, eu não o amava. Meu coração, minha cabeça só tinha uma pessoa: o meu amor de infância.

Assim que o tempo passou me separein quando eu descobri que estava grávida de 3 meses, já tinha 25 anos, eu saí de casa, e fui para casa da minha mãe. Com tudo isso, ainda pensava nele. Quando minha filha já tinha 1ano e 2 meses, me deparei com ele quase na frente da minha casa, meu coração quase saiu pela boca, ele me olhou com um sorriso, ele simplesmente falou: “quero você”.

Ele me contou que se arrependeu muito, se arrependia por ter me deixado naquela época, quando eu tinha 12 anos, ele falou que veio várias vezes atrás de mim, só que eu ainda estava casada, ele achava que estava feliz com o casamento, ele percebeu que também me amava muito, só queria me ver feliz.

O destino fez com que a gente voltasse à nossa história e ao nosso amor de infância. Naquele dia tive a certeza que nós nunca mais iríamos nos separar, depois de 15 anos longe um do outro, tivemos um aprendizado que o amor nunca morre, ele amadurece, ele vive, podem passar anos quando é de verdade. Hoje faz 8 anos que estamos juntos, ele ainda mora em Santa Cruz, no interior, ele é um fazendeiro de fumo, tem muitos animais.

Ele vem me ver a cada quinze dias, ele leva 3 horas de viagem só para me ver e ficar comigo. Cada dia nós se apaixonamos

mais, a gente se entende tanto que parece que nós nos conhecemos de outras vidas, uma cumplicidade sem tamanho, não conseguimos mais ficar longe um do outro, é um amor verdadeiro, puro, sincero.

Esse ano ele decidiu vender tudo o que era dele para vir morar comigo, nós amadurecemos muito. Não sei se foi o destino que fez nós nos unirmos de novo com mais força, com mais amor, só sei que ele é o meu único e primeiro amor da infância.

Amo ele eternamente, verdadeiramente. Hoje somos mais que amigos, somos namorados, somos companheiros, somos parceiros, somos como uma alma gêmea, porque tudo conosco dá certo, combina, tudo é perfeito. Ele é meu grande amor e meu grande amigo! Te amo infinitamente”

Meu último dia de férias

André Luis R. de Souza

Bem, já faz dois anos que as minhas férias de final de ano já não são mais a mesma coisa. Lembro-me ainda na minha infância, quando não tinha ainda compromisso com “coisas” da fase adulta, que chegava véspera de Natal e ano novo e sempre viajávamos rumo a cidade de minha avó, tios, tias, primos, primas e amigo, era uma euforia gigante que eu tinha quando chegava essa época.

São inúmeras lembranças que tenho da cidade de Bagé junto com pessoas tão queridas que fizeram e ainda fazem parte da minha vida. Quando meus pais e eu chegávamos na casa de minha avó, era sempre uma recepção calorosa e intensa, um bom churrasco sendo preparado, o quarto e o restante da casa organizada para nos receber, meus tios e tias reunidos no pátio da casa, enquanto minha avó “atucanada” com o almoço, nos perguntando sempre se estávamos com fome ou sede, pois a viagem de Porto Alegre até Bagé era sempre longa e cansativa. A cada dia de minhas férias, eu pousava na casa de um familiar. Era assim todos os anos, e o sentimento era sempre o mesmo. No meu pensamento, todo esse sentimento seria eterno, que quando eu chegasse na fase adulta, meu final de ano seria assim.

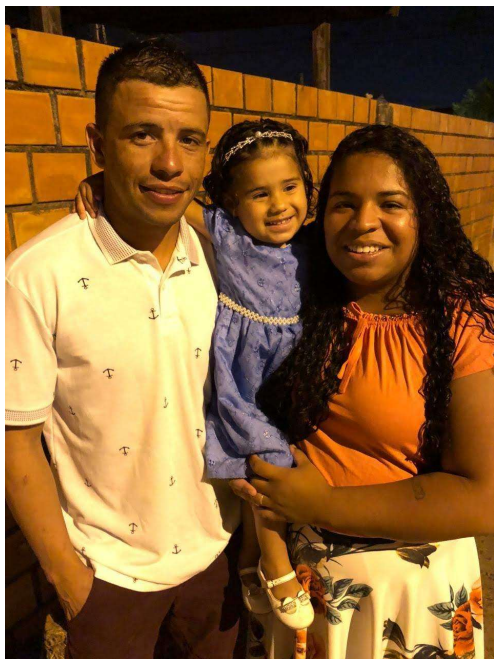
Mas, tudo mudou em 20. Lembro-me até hoje quando recebi a notícia lá de Bagé, chegando em casa, que minha tia havia sofrido uma queda, mas sem nenhuma gravidade, porém, ao longo dos dias, com o uso de medicações para aliviar a dor, a situação teria piorado pois ela havia adquirido úlceras em seu estômago, e mais adiante vindo a falecer por conta de uma infecção generalizada. E um mês depois, minha avó também viria a falecer, aos seus 95 anos, sem sofrer nenhuma dor ou sofrimento, apenas

mergulhando em um sono que seria eterno, digo isso pois ela adorava tirar seus cochilos após o almoço.

E, de lá pra cá, parece que todo esse sentimento se desmanchou por completo, um sentimento tão vazio, tão amargo, um sentimento que agora virou lembranças de um passado tão belo e cheio de momentos que não retornarão mais. Nem sempre é bom recordar algumas memórias

Deus do Impossível

Bruna Silva Piegas Barbosa



Quando conheci meu marido eu tinha 15 anos, ficamos por 1 ano, ele morava em Alvorada e eu em Gravataí, então eu e o Elias nos víamos quando eu ia visitar minha tia nos finais de semana., eu era muito nova, ele queria romance eu com 16 e ele 17 anos, e eu queria curtir minha adolescência. minha mãe recém estava me deixando sair para as festas, eu gostava dele,

mas mesmo assim preferi curtir a me prender num relacionamento. Ele seguiu a vida dele e eu segui a minha, depois de uns anos fiquei sabendo que ele tinha ido morar com uma mulher em Joinville e eu fiquei arrasada, sabe aquele sentimento de que quando a gente perde e que só depois damos valor? Pois então, foi assim que me senti e foi aí que eu descobri que amava ele.

Mas, vida que segue, continuei saindo para as baladas com minhas amigas, depois de um tempo recebi uma mensagem no Orkut, que era o Facebook de hoje em dia, de uma pessoa que eu

não conhecia, era um colega de serviço dele lá de Joinville mas logo já percebi que era ele. Me disse que estava voltando para Alvorada e que estava se separando, dizia que ainda gostava de mim. Ele voltou e nos encontramos em uma festa e ficamos nessas idas e vindas. Começamos a namorar quando eu tinha 18 anos, um final de semana eu ia pra casa dele e no outro ele ia pra minha. Com 19 anos ele me convidou pra ir morar na casa dos pais dele com ele e eu fui, já tinha terminado o ensino médio e já trabalhava, ele também trabalhava então, por que não?

Quando conheci o Elias sabia que ele usava maconha na época, mesmo assim continuei me relacionando com ele, mas depois fiquei sabendo que ele estava usando pedra, tínhamos muitos amigos em comum, eles sabiam da minha história com o Elias então eles sempre estavam comentando sobre ele perto de mim; quando eu fiquei sabendo que ele estava usando pedra me afastei dele pois meu tio mais novo era viciado em pedra então eu via o que minha tia passava com ele de ter que dormir com todas as roupas; pois ele esperava ela dormir pra roubar as roupas dela pra vender, e tive um primo que era viciado em pedra acabaram matando ele por ficar devendo nas bocas. Eu não queria essa vida pra mim então acabei me afastando dele mesmo querendo ficar perto dele cuidar dele, depois de uns meses meus amigos me falaram que ele tinha ido pra um centro de recuperação, e que ele estava indo até na igreja, sua família é evangélica então ele estava indo com eles, fiquei muito feliz por ele. Num certo domingo à tarde estava na casa da minha tia reunido com a família, então resolvi ir lá na casa dele chegando lá a mãe dele me atendeu e me convidou para entrar, entrei e conversamos um pouco não conhecia a mãe dele, mas ela me conhecia, pois o Elias tinha falado de mim pra ela, me recebeu muito bem me disse que o Elias estava mais calmo que tinha saído do centro de recuperação e que estava

viajando à trabalho com o primo dele instalando ar condicionado, falou que ele vinha de 15 em 15 dias pra casa passar o final de semana, e que no outro final de semana ele ia voltar de viagem, então peguei o número do celular dela e deixei o meu número pra ela passar pra ele e disse que ia ligar na sexta-feira à noite. Fiquei a semana toda ansiosa pra falar com ele, chegou sexta-feira e eu liguei pra ele, conversamos e ele ficou de ir lá em casa no sábado, mas não apareceu, domingo era o aniversário de 2 aninhos da minha sobrinha e estava caindo uma chuarada e quando menos espero ele aparece com toda aquela chuva, a partir desse dia começamos a namorar.

Depois de um tempo morando juntos, ele teve sua primeira recaída, conversei com ele, mas eu sabia que isso podia me acontecer, minha mãe já tinha me falado que ele poderia vir a ter uma, pois ela já tinha convivido com pessoas que tinham problemas com drogas, então ela sabia como funcionava. Ele chorou e disse que não ia acontecer de novo. Mas, depois as recaídas começaram a vir de 9 em 9 meses, depois de 6 em 6 meses, não aguentava mais, arrumava minhas coisas pra ir embora e nunca conseguia ir, com tudo isso comecei a ir à igreja com a irmã mais velha dele que era pastora de uma igreja que ficava na esquina da casa dele e comecei a conversar com Deus, a orar e pedir pra ele libertar o Elias das drogas ou me dar forças pra ir embora.

Num certo final de semana, o Elias encheu a cara e estava descendo lá na vilinha onde ele se perdia nas drogas; brigamos e fui pra dentro do nosso quarto e no escuro deitada na cama chorei pedindo pra Deus me dá forças pra ir embora, nem era mais pra libertar ele das drogas, eu só queria ir embora. Quando o Elias usava droga ele não voltava pra casa, só voltava no outro dia, sem dinheiro. Não demorou muito o Elias apareceu na porta do quarto e disse que ia ir ao banheiro e já voltava pro quarto, fui atrás dele e

ele já estava na metade da quadra voltando pra vilinha de novo, então peguei um pedaço de pau e mandei ele entrar pra dentro senão eu ia dar com aquele pau na cabeça dele e ele foi, entrou e eu descasquei ele, falei tanta coisa pra ele!

No outro dia, ele foi trabalhar e eu também. Quando ele voltou do serviço, chegou todo mudado e disse que ia na igreja, e foi. Eu fiquei em casa olhando a novela. Quando ele voltou da igreja, era outra pessoa, me deu a carteira de cigarro dele e disse que tinha parado com tudo, disse que o Espírito Santo tinha tocado nele e que nem uma Droga que ele tinha usado tinha dado a euforia do Espírito Santo. Ele se sentia saciado, diferente da droga, que nunca o deixava satisfeito. E que, para a honra e glória do nosso Senhor Jesus, depois de 6 anos ele ainda continua sem usar. Deus ouviu minhas orações, não só as minhas, mas de toda a família dele, então tenha fé, pois Deus tudo vê e tudo ouve ele, é o Deus do impossível.

Infância

Candida Moura

Era 1990, eu tinha cinco anos de idade, mas me lembro perfeitamente deste momento, pois foi um dia de muita alegria; minha mãe trabalhava em uma empresa; que, em datas especiais, como- Natal, Dia das Crianças, a empresa montava um parque de diversões, com direito a roda gigante, carrossel e outros brinquedos. Também tinha o palhaço que me aterrorizava com seu sorriso assustador, o Papai Noel e, claro, os lanches.

E lá íamos nós, eu e meus irmãos, o Maurício, a Paulinha, a Sara e a Isabel brincarmos e aproveitar o máximo daquele momento. Andávamos em todos os brinquedos, comíamos todos os lanches, corríamos pelo parque todo, claro, sempre com minha mãe e meu pai nos olhando para não nos perdemos. No final do dia estávamos todos cansados, mas felizes.

Foi um dia maravilhoso para todos, afinal não era todo dia que brincávamos em um parque de diversão, guardo essas lembranças com carinho pois me lembro da felicidade minha dos meus irmãos e dos meus pais.

Banho de chuva

Indiana Lenir Veloso

Logo de início quero dizer para não repetir isso em casa, nem concordo com o método aqui citado.

Essa linda memória aconteceu no verão de 2002, no litoral de Santa Catarina. Dias quentes e abafados, propícios para aquelas chuvas de verão, perfeito pra um banho no mangue, é nesse dia que o mar não estava bom pra sereia.

Nossa mãe de criação nos banhou e deixou limpos com roupas novas e cheirosas meu irmão Buia e eu então ela quis nos deixar de barriginha cheia, foi na mercearia buscar nossos doces favoritos. Aproveitei pra dar a ideia de irmos tomar banho na esquina, onde ficava um manguezal, nesse dia estava bem cheio por conta da chuva, convidei o Buia para brincarmos de boryboard no mangue.

Lá fomos bem contentes, mergulha pra cá e mergulha pra lá, que banho bom já era o cheirinho bom, lama e mais lama só dava pra ver os olhos e os dentes brancos.

Tempo depois, passa a nossa mamãe, imaginando encontrarmos lindos e arrumados e ela olha estamos imundos, meu irmão fugiu, mas eu apanhei até em casa e ia dizendo que contaria pro meu pai, contei o ilusão apanhei mais ainda ele deu autorização pra ela me corrigir sempre que necessário.

Hoje conto rindo lembrando que só eu apanhei...

Empreendendo

Janaina Carvalho Nobre



Desde nova sempre fui, da família, a que mais gostava de datas comemorativas, como: Natal, Ano Novo, São João, e por aí vai. Sempre tinha ideias para enfeitar a casa, e assim tornar essas datas ainda

mais especiais.

Com o tempo e com a chegada da minha filha Lavínia, esse gosto por decorar, foi ficando cada vez mais presente em mim.

Então, no ano de 2020 decidi fazer desse meu hobby, uma forma de renda para minha vida. Criei a 'Decorando sonhos' que hoje é uma locadora, ainda pequena, de kits para festa em casa e onde mais o cliente quiser comemorar.

Procurei também, me aperfeiçoar mais e aprender sobre esse ramo já que não ia mais ser apenas um desejo meu, mas sim, algo que iria me sustentar. Conclui então o meu primeiro curso de decoradora profissional.

Com isso, pude nesse ano eu mesma fazer a festa de 3 anos da minha filha, isso significou muito pra mim. Me encontro numa

fase muito feliz da minha vida, realizada com o que trabalho, e ainda sendo esse, um negócio próprio.

Um Milagre chamado Alice Emanuelle

Jaqueline Rolim Pedroso



Quando eu tinha 19 anos, eu tive o maior milagre da minha vida, engravidei do meu segundo filho(a) por que não sabia qual o sexo seria, descobri no sábado dia 8 de julho de 2017, mas quatro dias depois infelizmente comecei a sangrar, fui ao hospital e então a doutora disse ser normal, se continuasse, seria para eu retornar, mas como eu já tinha uma filha, eu sentia que não era normal, mesmo as pessoas me

dizendo que poderia ser normal, então continuei sangrando e fui ao médico novamente, isso foi três dias depois, pois na quinta, o sangramento tinha parado e então não voltei ao médico.

Nesse dia, a médica pediu um exame de imagem chamado ecografia, pois o sangramento havia continuado, não foi visto nada no meu útero, a única coisa que dizia que eu estava grávida, era um exame positivo e algumas alterações, a doutora então me orientou que poderia ser uma gravidez inicial, ou realmente um aborto, que seria para marcar um novo exame de imagem (ecografia) no sus, e ver se em 15 dias haveria algo no útero, então consegui o exame para trinta dias depois.

No segundo exame de imagem (ecografia), realmente foi visto que não tinha nenhuma gestação com mais de quatro ou cinco semanas, caso estivesse, seria para eu estar de dez semanas

e cinco dias, e eu veria o bebê, porém não foi visto nada, e então confirmei o aborto após um mês. Foi muito sofrido, chorei muito e sofri bastante, porém, naquele segundo exame de imagem (ecografia) algo me dizia que eu estava grávida, sentia como se Deus estivesse me garantindo que eu estava grávida novamente, mesmo todos dizendo ser impossível, afinal, nem havia vindo minha menstruação ainda após o aborto, mas eu sentia que estava.

Participava de um grupo de *Whatsapp* de tentantes, mulheres que também estavam tentando engravidar, e lá, elas também achavam ser impossível, então havia feito o segundo exame de imagem (ecografia) dia 15 de agosto de dois mil e dezessete, e no dia 22 fiz um exame de sangue "BETA HCG," que é para ver se havia hormônios de gravidez e deu negativo, mesmo assim ainda não estava atrasada minha menstruação que era para vir dia 28 de agosto, então mesmo tendo tido um resultado negativo a seis dias atrás, quando chegou o dia, eu fiz um teste de gravidez de farmácia, acordei cedo e cheguei na farmácia antes de ela abrir, comprei o teste, quando eu fiz não acreditei, estava realmente grávida com 1 mês e 16 dias após o aborto.

Nem o médico do meu pré-natal acreditou, ele falou que eu era super fértil, então, quando fui fazer o terceiro exame de imagem (ecografia), o médico disse que era impossível ter bebê, já que no dia 15 de agosto ele havia confirmado meu aborto, neste mesmo dia, no caso, dia 8 de setembro, fui fazer minha ecografia pra ver se tinha bebê novamente, e lá estava, ele falou, olha agora realmente tem bebê aqui, e ficou bem surpreso por ser tão rápido. Minha gravidez foi tranquila, porém, nas trinta e três semanas minha filha queria nascer, então precisei tomar injeção para segurar ela, e para ajudar os pulmões a amadurecerem.

Enfim, ela veio ao mundo quando eu estava com 37 semanas e 6 dias, com 3,818 Kg e 49 cm, eu estava com eclampsia, mas tive parto normal, o que trouxe problemas para minha filha, que vieram a ficar mais aparentes quando ela tinha dez meses. Mas, antes disso, com um mês de vida, ela parou no hospital, teve broncopneumonia e precisou de oxigênio, quase a perdi, então de



quatro em quatro semanas ela estava internada, e a base de medicamentos fortes para tratar a broncopneumonia, chegaram a dar diagnóstico de fibrose cística, mas graças a Deus não era.

Com dez meses de vida ela começou convulsionar, até então achei que fosse da febre, porém sempre que ela ficava doente, mesmo sem febre alta convulsionou, e começou a aumentar cada vez mais, o segundo episódio de crise ela convulsionou duas vezes no mesmo dia, e no terceiro episódio três vezes no mesmo dia, até que em 2019 resolvi pagar uma consulta com neurologista e paguei um eletroencefalograma, onde constou epilepsia generalizada, ou seja, dos dois lados do cérebro.

Por conta da epilepsia ela teve outros problemas, como TDAH (transtorno Déficit de Atenção com Hiperatividade) TOD (transtorno Opositor Desafiante), que também precisam de medicamentos para serem controlados, então o neuro deu um remédio chamado risperidona a ela, para ela se acalmar pouco, porém como a dose foi alta e ele não aumentou remédio da epilepsia, ela veio a ter sete crises de convulsão, foi internada no hospital e precisou tomar diazepam na veia , pois não queria voltar das crises, e já estava com arritmia cardíaca, meu mundo nesse dia

havia desmoronado, nunca vi minha filha tão mal, com tanta dor, pois as convulsões mexem com músculos do corpo e nervos, então dói, e ver ela gemendo e tentando chorar mas, por causa da dor não consegui, foi demais pra mim, isso ela já estava com 3 anos e 5 meses.

Alice Emanuelle é e sempre será meu grande milagre, ela poderia ter muitas outras sequelas, devido a tantas crises seguidas, mas não ela não tem, ela tem somente sequelas tratáveis como TDAH e TOD, hoje minha vida é em volta dela, por isso não tinha como estudar e não tenho como trabalhar, então fui recorrer ao instituto nacional do seguro para ver se conseguia ter uma renda para dar um pouco de conforto à minha filha, mas foi negado o benefício. Atualmente, Alice consulta seis médicos por mês, contando com a neurologista, que agora é pelo SUS, e é muito boa.

Por tudo isso Alice é, e sempre será um milagre em minha vida. Hoje em dia, Alice está com 4 anos e 5 meses, ainda continua com rotinas médicas e está cada vez mais difícil e agitada, hoje eu só espero que minha filha possa ter uma vida normal como todas as crianças, mesmo sabendo que será difícil, só desejo a cura de minha filha.

Foi assim

João Batista Müller

Foi assim que o dia começou, às cinco horas da manhã de um domingo de pleno inverno de 1973, eu tinha oito anos de idade. Lembro como se fosse hoje, neste dia, ao me acordar, levantei-me e fui até a cozinha, onde meu velho e querido avô estava, sentado com o seu chapéu de pano e fumando o seu palheiro enrolado, já com o fogo do fogão a lenha mandando brasa. Era um fogão campeiro que cabia lenhas de grandes portes, onde o café ali mantinha-se, semprequentinho e fresquinho, que ele recém tinha passado.

Ficávamos ali sentados ao lado daquele fogão a lenha esperando que as horas passassem, pois volta e meia eu corria até a janela, para ver se o sol já havia se posto, com os bolsos cheios de bolinhas de gude. Eu estava ansioso, para como seria o sol naquele dia, pois como o inverno naqueles tempos eram muito rigorosos, as ruas eram de chão batido, era normal as ruas amanhecer esbranquiçadas, das geadas com aqueles frio congelantes. E, se o sol não aparecesse, não teríamos como jogar bolinhas de gude., pois as ruas ficavam lamacenta, assim era impossível jogar o nosso jogo preferido.

Com a cabeça baixa, caminhava lentamente em direção ao fogão, e ali eu ficava sentado, torcendo para que o sol nascesse o quanto mais rápido possível. Meu querido avô que ali estava, vendo toda a minha aflição, tinha como de costume, me contar uma das suas histórias, fazendo assim com que o tempo passasse mais rapidamente. E, então, ali eu ficava, atento e ouvindo a história, que do jeito que ele contava, era muito gostosa, de ouvi-la, mas sem tirar os olhos da janela, na esperança de ver o brilho do sol.

Depois de ouvir as histórias de meu avô e tomar muito café, já perto das 7h30 da manhã, finalmente começou a clarear o dia. Naquele momento, era só alegria. Um sorriso vindo do rosto do meu avô, ao ver que meus olhos brilhavam, ao ver o clarão do sol. Já com minhas bolinhas de gude na mão, corria até o meu avô onde lhe dava um forte abraço, num gesto de agradecimento, e logo saía correndo para a rua, onde eu ia me encontrar com os meus colegas, para jogar bolinhas de gude. Ali então começamos a nossa jogatina, quando eu começava a jogar eu tinha nos meus bolsos de vinte a trinta bolinhas. Eu tentava ganhar no jogo e aumentar minhas bolinhas de gude. Mas era só um sonho, pois eu era muito ruim no jogo, e só perdia. Quando eu perdia todas as minhas bolinhas, eu ficava muito bravo, mas tudo bem. Eu ficava ali colocando pilha nos que estavam ainda no jogo. Como as minhas bolinhas de gude tinham acabado, eu fiquei falando: vamos jogar taco, vamos jogar taco, até que então, eles finalmente concordaram comigo. e daí íamos jogar taco.

Ficamos uma ou duas horas jogando e logo paramos para almoçar. Ali se dava um tempinho, mas sem perder tempo, pois o tempo, naqueles tempos, eram tempos que não podiam ser perdidos. Tão logo lá estávamos de volta, eu e os meus colegas, novamente cheio de energia para gastar. Naquele dia de um sol lindo e maravilhoso, tudo o que eu mais queria era aproveitar para brincar, o máximo possível.

Começamos então a brincar de rolar o arquinho, mas logo já enjoávamos, e já partíamos para uma nova brincadeira que era, rolar pneus de carros que nós ganhávamos nas borracharias. Ali ficávamos correndo pra lá e pra cá na nossa rua, e novamente cansamos dessa brincadeira. Depois, fomos jogar futebol até que o dia acabasse. Como era inverno, sabíamos que não eram todos os dias de sol bonito, como naquele dia. O sol que ali estava parecia

mentira, mas já estava indo embora, pois se via ele se pondo no horizonte, enquanto se via a noite chegando.

E eu e meus colegas nos despedimos dizendo até amanhã de manhã. Já no pensamento do novo dia, enquanto eu caminhava, a caminho de casa, observava e apreciava atentamente até os últimos raios do sol, que nos proporcionavam tanta alegria naquele dia. E o sol se foi e a noite chegou. Eu cheguei então em casa, abria a porta, e logo vi, o meu velho e querido avô sentado na beira do fogão a lenha com o seu chapéu de pano e fumando o seu cigarro de palha enrolado, pois como sempre me esperando com um sorriso no rosto, e com uma mão cheia de bolinhas de gude, pois ele sabia que, como nós os outros dias, eu também havia perdido todas as bolinhas que eu havia levado. Lentamente, me aproximei, e sentei-me, no banquinho perto do meu avô, como era de costume. Meu avô então me perguntava de quais brincadeiras eu tinha brincado, durante aquele dia, e então eu lhe contava tudo, o que eu tinha feito naquele lindo dia. E ali ele ficava, enquanto lhe contava sobre meu dia cheio de aventura. Meu velho e querido avô, de cabeça baixa com um pedaço de rolo de fumo e um canivete afiado, com uma das suas mãos cortava o fumo, e com a outra aparava, e colocava na chapa do fogão para secar. Mas não dava muito tempo e ele já pegava a palha e começava a enrolar, para fechar o seu palheiro, tão logo lá estava ele a fumar, o seu cigarro de palha, o seu velho palheiro enrolado.

Enquanto isso, minha querida avó, preparava o nosso jantar, naquele fogão a lenha. Eu ficava contando as bolinhas de gude que meu avô tinha me dado. Enquanto eu ouvia mais uma das histórias do meu avô, eu esperava a janta ficar pronta, então minutos depois, minha avó, nos chamava para jantar. Com sua voz doce que jamais esquecerei, eu ouvi; a janta está pronta, meninos, venham a janta

está na mesa”. Então eu e meu avô, sem perder tempo, corríamos, o mais rápido possível, até a mesa onde o jantar já estava servido.

Após jantarmos, tão logo já íamos para a cama, pois naqueles tempos deitávamos sempre mais cedo, pois não tínhamos luz elétrica em nossa casa. Assim, era normal irmos nos deitar mais cedo, tipo entre oito horas e meia, e nove horas da noite. Quando terminávamos de jantar, eu me levantava da mesa e ia em direção ao meu quarto, dizendo boa noite aos meus avôs, e logo em seguida eu ouvia suas vozes dizendo: “boa noite, Joãozinho”. Eu, como estava muito feliz por ter um dia de sol maravilhoso, deitava em minha cama, e agradecia a Deus, por ter brincado o dia inteiro com todo aquele sol radiante. Assim, fazia um novo pedido, para que o próximo dia fosse lindo e maravilhoso novamente. Então eu dizia: “obrigado, meu Deus”.

Foi assim o meu dia.

Quem acredita sempre alcança

Katleen Abdun da Silva

“Não existem sonhos impossíveis para aqueles que realmente acreditam que o poder realizador reside no interior de cada ser humano, sempre que alguém descobre esse poder, algo antes considerado impossível se torna realidade”.

Desde que me conheço por gente, ouço as pessoas dizerem que a mulher já nasce com o dom de ser mãe e dona de casa; discordo em partes, pois já vivenciei muitas mulheres que, no meu ponto de vista, não nasceram para serem donas de casa, muito menos mãe. Mas Deus é quem sabe de todas as coisas, hoje entendo ainda melhor por experiência própria, até meus 14 anos de idade, eu era um menino em corpo de menina, eu ganhava muitos apelidos por conta da minha aparência física e a forma como me vestia, coisa que pra mim não tem nada a ver, querer ser diferente não é um bicho de 7 cabeças, é apenas pessoas querendo ser elas mesmas e ninguém deveria interferir ou dar palpite, e sim, apenas respeitar.

Alguns meses depois, conheci o pai do meu primeiro filho, que hoje tem 14 anos, namoramos por um ano, e em uma viagem pela serra gaúcha tive uma infecção intestinal, usei antibióticos fortes e por ser muito nova e não ter tido orientação da minha mãe, não me cuidei e engravidei do Lorenzo, o maior amor do mundo veio em um momento de turbulência para me ensinar a ser forte, a ser a mãe que eu não tive, a ser uma mulher responsável, a deixar de ser aquela guria que jogava bola, jogava taco, subia em árvores, saía pra caçar com o pai e amigos, ia para rinhas de galos com o

avô paterno, para CTG, a deixar de ser o “gurizinho sem saco” como era chamada.

Foram alguns anos de angústia, de tristeza, de perrengues, de situações que achava que nunca passariam, mas passou, e só passou porque eu tinha sonhos, tinha vontades, mas não tinha apoio, incentivo de nenhum lado, mesmo minha “família” sendo grande só recebia palavras de reprovação, por ter tido filho nova com 15 anos, fui julgada, fui ameaçada, fui enganada, fui humilhada, fui impedida de voltar estudar, de trabalhar, de ser independente, de ser mulher de verdade,

eu só servia para limpar casa, fazer comida, cuidar do filho e do marido que passou a usar drogas, a fumar e beber todos os dias, e quando nada dava certo a ele a culpa era minha por sempre tentar fazer com que ele mudasse. 5 anos se passaram e, com 20 anos, eu já não era aquela garota medrosa com medo de perder o filho por não poder comprovar uma renda e sustentá-lo sem um pai de verdade, com esses anos se passando e aprendendo a me impor mais, tive a coragem de deixar a vida miserável que tinha e deixei o marido., voltei a morar com meus pais, que nessa época graças a Deus eram pessoas melhores e me apoiaram a sair daquele casamento abusivo.

Eu acreditava em uma vida melhor, eu tive fé, não desisti tão fácil não, sempre acreditei que a vida dá voltas, e a minha vez chegou e sou grata por tudo que conquistei, e venho conquistando até hoje, foi aos trancos e barrancos, mas não desisti e não deixei que ninguém falasse que eu não conseguiria.

Após meses separada, em um dia qualquer saí com meu filho e uma de minhas irmãs à Porto Alegre e encontrei o amor da minha vida, meu atual marido, o homem que aceitou como eu sou, com meu filho de 4 anos na época, ele com um filho de 2 anos, o Davi, e

separado também, que me incentivou a voltar estudar, trabalhar, a conquistar e realizar tudo que eu sonhava.

Trabalhei em várias funções, tive muitas experiências boas outras nem tanto, fiz alguns cursos profissionalizantes na área da beleza que eu amo, 5 anos depois tivemos nossa filha Manuela que hoje tem 4 anos, terminei o ensino fundamental, sonhava em estudar no Instituto Federal Sul-rio-grandense, fiz uma redação no campus, passei e hoje estou no 4º semestre do curso técnico de administração. Com a chegada da pandemia perdi meu emprego na estética em que trabalhava há mais de 5 anos, com isso aprendi a fazer crochê em casa através do Youtube, ganho meu dinheiro com minhas encomendas, fiz alguns cursos disponíveis pelo IFsul na área da Administração em EAD e pretendo, quem sabe, uma faculdade, e tirar do papel mais um sonho de abrir meu próprio negócio.

Hoje estou muito realizada, muito feliz comigo mesma por não ter desistido de tudo que eu sonhava, por não ter ouvido pessoas que me apontavam o dedo e diziam que eu seria mais uma perdida na vida, que meu filho seria um vagabundo sem pai, uma mãe sem vergonha, sem estudos, que se eu me separasse seria uma mulher da vida, e hoje provei para mim mesma que eu sou o que eu quiser ser.

Sou muito grata a minhas irmãs, irmãos, meu filho, meu marido e algumas amigas que até hoje me incentivam a continuar na caminhada do sucesso. Eu acreditei, sonhei e alcancei tudo que sonhei. Com a graça de DEUS JUNTO.

Quem acredita sempre alcança!

Não deixe que ninguém diga que você não vai conseguir!

Sexta Feira Santa

Marco Aurélio Kulmann de Vargas



Eu tinha 25 anos quando ao sair de casa onde morava, em Sapucaia do Sul e onde moro até hoje e notei que no alto de uma sacada do outro lado da rua três mulheres me observavam, as cumprimentei e segui em direção ao mercado, quando ouvi a pergunta “onde vai ser o baile hoje, gaúcho?” Eu fazia pouco tempo que tinha chegado na cidade, tinha vindo do interior e carregava um vocabulário meio pitoresco ainda e não me parei de rogado, respondi ao pé da letra como se diz, vai ser na minha casa, mas que barbaridade! Se isso é resposta que se dê a uma mulher que mal conhecia, o assunto encerrou por ali e segui adiante para o mercado

Passou o dia e notei que uma ficou me cuidando, mesmo a distância notei que era muito linda; eu morava com uns amigos numa pensão então logo na páscoa sem imaginar nos deparamos de frente um pro outro surpreendentemente, mas parecia que algo já estava traçado, naquele momento, não conseguia parar de olhar pra ela eu não tirava os meus olhos dos dela e aí não teve mais volta, envenenado por aquele olhar fiquei bobo e mais ainda,

quando vi que estávamos namorando e por fim não muito tempo depois já estava morando junto com ela.

Quatro anos depois veio a primeira alegria desse relacionamento nasceu a Francine e logo depois o Marco Filho, com um casal de filhos lindos e com saúde. Antes de ter os filhos, curtimos cada dia como se não houvesse outro para viver, saímos muitos, vivíamos passeando em shopping, igreja, restaurantes e bailes; fizemos muitas amizades, algumas pessoas já não se encontram mais com a gente, mas vida que segue. Depois que veio os filhos vieram o amadurecimento, em meio a dificuldades e turbulência, não tenho um casamento perfeito, acho até que não existe, mas quando os filhos chegam à fase adulta e você vê eles bem seguindo sua própria estrada, me orgulha muito.

Então de quem eu falo, essa pessoa maravilhosa que ainda faz parte da minha vida até hoje, que são 25 anos que ela me atura ,afinal sei que não tenho um gênio muito fácil, por isso digo que ela merece um troféu, além de ser uma guerreira é também uma ótima mãe, que não desiste nunca dos seus objetivos, eu tenho muito orgulho dela e muita sorte de tê-la conhecido e assim toda a sexta feira santa eu agradeço a Deus por essa bênção, tenho 50 anos e metade da minha vida eu passei com ela.

Ela se chama Márcia Regina de B. Ajalla, minha inspiração, ela estudou no IFSUL formou se em Administração, logo abriu uma lancheria em frente ao Instituto Federal Sul-Rio-grandense, na qual eu, tenho saudades também, da sua luta e das amizades novas que tenho que infelizmente foi interrompida pela pandemia.

Quero aqui dedicar histórias que merecem ser contadas em vida a esta pessoa ao qual amo muito, com ela eu tive filhos, plantei árvores e escrevi uma memória. Uma singela homenagem de quem te ama muito, beijo do seu maior admirador.

Dois Minutos

Mariclei Vianna

Em um sábado à noite, meu irmão e eu fomos a um barzinho bem conhecido e frequentado na cidade onde moramos. Perto da hora de irmos embora, um rapaz veio até mim e me pediu dois minutos, começamos a conversar e essa conversa durou por muitos anos.

Depois de dois meses de namoro, ele me pediu em casamento e, após dois anos entre namoro e noivado, nos casamos. Nosso relacionamento sempre foi intenso, nós estávamos sempre juntos, o tempo todo, sempre fomos parceiros, cúmplices e apaixonados, quando casamos nada mudou, continuamos cada dia mais envolvidos um com o outro, nunca brigamos, um casamento modelo, aquele de novela, sabe?

Os amigos até comentavam que dava orgulho de ver a forma como nos tratávamos, sempre juntos, alegres, gostávamos de amigos e da família por perto. Assim foi por sete anos, até que decidimos aumentar a família, tudo de comum acordo e muita expectativa, tudo certo e os preparativos prontos, nossa amada filha estava à caminho.

Mas o destino nos pregou uma peça, com nossa filha de apenas vinte dias, nós nos separamos - motivo que até hoje não sabemos ao certo qual foi. Não foi a separação de corpos que nos afastou, nossos corações sempre estiveram juntos, nós nos separamos, mas continuamos muitos amigos, sempre teve “amor” na nossa união, se não era mais amor de homem e mulher, era amor a pessoa que cada um representava para o outro. Sempre nos respeitamos e torcíamos um pelo outro, a felicidade de um era a do outro, assim como as dores de um afetava o outro.

Ele amava muito nossa filha, ficamos um tempo afastados por questão da vida que cada um levou, mas sempre que fosse preciso, estávamos ali presentes. Assim vivemos por 28 anos. Até o dia que, no mundo, apareceu essa tal pandemia da Covid-19. Como aconteceu com milhares de pessoas, o vírus o escolheu. João sempre foi teimoso em relação à saúde, sempre dizia: “tudo passa, logo vou estar melhor, não é nada”, mas o corpo dele não estava tão bem assim. Enfim ele se deu por vencido e foi ao hospital onde foi imediatamente internado

Lutou com todas as forças que tinha, e não eram poucas, mas o vírus o venceu. Então, no dia 24 de março de 2021, depois de ter ficado dez dias internado, aos cinquenta e cinco anos, ele nos deixou.

O que tenho a dizer?

Vai, vá em paz, descansa na certeza de que te amaremos para sempre. E tenha a consciência da missão cumprida, você veio ao mundo para que juntos colocássemos nossa filha nele (e que filha maravilhosa, hein?, nosso orgulho!).

Então muito, muito obrigada, João. Muito obrigada por tudo, por cada minuto que vivemos juntos e separados. Muito obrigada por “nossa filha”. Só tenho a te agradecer por ter me pedido aqueles “eternos dois minutos”. Vá em paz, “gratidão”.

Saindo da caverna

Mirian Vieira Soares



A história que eu entendo que marcou minha vida não é um acontecimento emocionante aos olhos dos demais e, talvez, pareça tão banal, mas para mim foi impactante. Foi em uma aula com o professor

Evandro Godoy, em filosofia, uma matéria que para muitos estudantes possa parecer acessória, não tão fundamental, mas que para mim fez toda a diferença.

As aulas de filosofia mostraram a história de algumas pessoas que viveram há mais de dois mil anos e que parecia que me conheciam. Foi em uma noite de quarta-feira, no dia onze de novembro de dois mil e vinte. Eu estava acomodada no sofá com o notebook no colo, assistindo aula à distância, devido à pandemia. O sofá era o local mais confortável para o sinal de internet, mas para mim também (unindo o útil ao agradável). Nesta aula, fui apresentada a um tal de Platão. Parece que ele conseguiu explicar a essência do que foi minha vida e das adversidades que passei: ele falou de um grupo de pessoas que viviam em uma caverna e

explicavam o mundo exterior através de sombras. Por motivos alheios à minha vontade, não pude concluir meus estudos de forma regular. Vi que eu e estes habitantes da caverna tínhamos algo em comum. Comecei a entender o mundo por sombras, já que os conceitos básicos do que acontecia ao meu redor me foram sonegados. Nunca me identifiquei tanto com uma teoria filosófica!

No final do semestre, o professor pediu que os alunos escrevessem um resumo de como foi nosso aprendizado, lembro de ter registrado esta experiência e escrevi neste relato que “a menina da caverna teria orgulho da pessoa que me tornei”.

Depois de criar três filhos, e com um casamento de quase 30 anos, voltei a estudar. Atualmente, faço o curso Técnico em Administração na modalidade PROEJA. O curso me proporcionou a possibilidade de administrar uma empresa de Projetos Industriais junto a meu marido, onde eu trabalho desde a negociação com clientes até o controle do faturamento.

Hoje, quase aos cinquenta anos, me vejo fora da caverna conhecendo através do estudo um mundo complexo, esquisito, mas fascinante, pronto para ser manipulado. Depois, ainda nas aulas de filosofia do professor Evandro, conheci um tal de Heráclito (outro filósofo que me identifiquei muito), que me mostrou que na mudança encontramos um propósito, e eu encontrei o meu com esta mudança de mente. Mas, nunca perdi minha essência, e daí me lembro do paradoxo de Teseu, com seu navio que fora todo consertado, todas as suas peças foram substituídas, mas permanecia sendo o navio de Teseu (esse foi do filósofo Plutarco). A caverna ficou gravada como um período: antes e depois de sair dela. Em uma simples aula de filosofia...

Meu sonho de pequena

Taiane de Andrade Chaves

Eu tinha um sonho de pequena que era ser modelo, tanto meu como da minha mãe, muitas vezes eu e ela assistimos programas de desfile na TV; e eu ficava me imaginando desfilando nas passarelas; eu e minha mãe imaginávamos juntas eu na passarela.

Eu estava na 5º série do fundamental, tinha 12 pra 13 anos de idade, e nesta escola todos os anos eles faziam desfiles com os alunos. Fiquei muito interessada quando eles estavam anunciando e convidando os alunos para participar, mas, ao mesmo tempo; eu estava com vergonha, pois nunca tinha desfilado. Minha família me incentivou muito a participar e realizar um pouco do meu sonho; então aceitei entrar para o desfile.

Foram dias de ensaio, eu ensaiava na escola e também em casa, sempre me preparando para o grande dia do desfile.

Éramos entre 30 meninas para desfilarmos, e quando chegou o momento do desfile, eu estava muito nervosa, sempre entregando minha vida a Deus e confiando muito nele. Quando chegou minha vez de entrar na passarela, dei meu máximo e fiz valer todos os dias de ensaio, dei meu melhor.

Após as 30 moças desfilarem, só faltava saber o resultado do desfile, quando, de repente, veio a mulher com os nomes das ganhadoras, eu estava com as mãos geladas de nervosa, até que ela começou a anunciar. Ela começou dizendo quem tinha ficado em 3º lugar, depois disse o 2º lugar, até que a moça falou "E em 1º lugar, a ganhadora é... Taiane de Andrade Chaves", era eu!!! Só sei dizer que foi uma felicidade, uma alegria que eu não sabia se chorava de

emoção ou se ria, eu comemorava, minha família comemorava, pois esse dia ficou marcado na minha vida e na vida da minha mãe.

Depois que ganhei no desfile da escola, saí com minha mãe procurar agência de modelo para seguir desfilando, encontramos uma em Porto Alegre, mas exigia muitas coisas das pessoas, como cortar o cabelo curto e eu não queria, pois amava meu cabelo longo, eu teria que mudar o jeito de ser e de me vestir. Eu era magra e pediam para emagrecer mais, pediram para desfilarem de biquíni e eu não gostaria de permanecer num trabalho assim, pois não gostei da exigência deles.

Hoje tenho 20 anos, não estou desfilando, e não pretendo começar a desfilarem novamente, hoje tenho outros planos para minha vida; quero trabalhar em outras áreas, que eu me sinta bem e seja feliz, e uma das coisas que estou amando aprender e tenho certeza que vou levar pro resto da minha vida, tanto na vida pessoal como na vida profissional, é o Curso Técnico em Administração, que sempre quis fazer e consegui a oportunidade de iniciar..

O homem na escuridão

Thiago da Silva Ferreira

Quando entrei para o IFSUL em 2019, tinha um propósito de conseguir terminar o meu ensino médio e melhorar meu currículo em relação à realidade em que vivia, por incentivo de amigos, família e colegas de trabalho, e pelo meu filho. Minha mãe sempre dizia que “A educação é algo que você faz por si próprio”.

No primeiro dia me senti mal e com muito medo, pois sofro de Transtorno Explosivo Intermitente (TEI), acabei voltando pra casa e me dizendo que o segundo dia seria mais calmo. No dia seguinte, comecei a estudar e me empenhar aos estudos com o apoio dos meus colegas, e vi que as pessoas da minha turma tinham o mesmo intuito com objetivos diferentes, e conforme as aulas aconteciam, comecei a ter esperanças de que tudo poderia mudar, mas devido a dificuldades, tanto em serviço quanto em casa, cheguei a pensar em desistir pelas circunstâncias em que estava passando. Conversei com colegas e continuei com a minha decisão intacta, chateado e com raiva por achar o quão difícil era conseguir conciliar estudo e trabalho.

Naquela mesma noite em que estava com muita certeza na minha escolha demonstrada no rosto, voltando pra casa de uber para dormir e iniciar mais um dia, me deparei no caminho, olhando pela janela do carro, um homem na escuridão. Em passos precisos e firmes aquele homem caminhava com muita disposição e rapidez querendo chegar o quanto antes a seu destino. O homem era velho e sua visão era como o seu caminhar, usando um paletó, um, sobretudo e um cachecol de lã, e carregando sua pasta que não era nova, mas bem cuidada, mantinha um ritmo acelerado desviando dos buracos e atravessando as ruas daquela avenida silenciosa, quase chegando ao barulho caótico da rodovia que haveria de passar para chegar a seu destino em um inverno frio e com um vento insuportável.

Já havia visto esse homem, ele era aluno da outra turma que entrou no mesmo ano em que entrei, o conhecia de vista, mas

nunca havia trocado uma palavra com ele. Quando o vi voltando para sua casa naquele frio em que outra pessoa não aguentaria, entrei em uma mistura de emoções que fez me sentir tão idiota a ponto de desistir, e ver uma pessoa que, apesar da idade e das dificuldades, continuava persistindo em querer aprender de toda forma possível.

Foi como um tapa na minha cara e uma lição de vida, pois daquele dia em diante eu comecei a mudar meus pensamentos e atitudes e ter uma perspectiva positiva em relação a tudo. Depois dessa lição de vida que ganhei desse senhor, fui conversar logo no início do semestre seguinte e contei a ele sobre ele ter sido o motivo de eu não ter desistido. Infelizmente, no meio do ano de 2020 ele faleceu, mas foi um exemplo de perseverança pra mim. À vezes, estamos passando por dificuldades, não nos damos conta de quanto somos privilegiados e que existem pessoas assim como esse homem, que se chamava José, ou Seu José, que, apesar das várias dificuldades, ainda se mantém obstinados a irem até o fim

Mulher Guerreira

Viviane Santos do Santos



Vou falar um pouco de uma mulher que é muito importante na minha vida, a minha mãe, a Dona Maria Dolores. A vida da minha mãe daria um livro, ela teria muitas histórias para contar, algumas bem divertidas e outras nem tanto. Somos em três filhos, eu a mais velha, o Luís Henrique e o Márcio, como ela diz somos seus tesouros suas bênçãos. Minha mãe nos criou sozinha, tenho muito orgulho e admiração por ela, imagina criar filhos sozinha, trabalhar fora,

cuidar da casa, com certeza não foi uma tarefa fácil, mas ela fez este papel muito bem, ela nunca nos deixou faltar nada. Me lembro como se fosse hoje, passamos muitas dificuldades sim, mais estamos todos aqui firmes e fortes graças a Deus e a nossa mãe, uma mulher de uma fé inabalável, eu nunca a vi reclamar de nada, ao invés de reclamar sempre agradeceu, até hoje.

Conversando eu e minha mãe, perguntei a ela o que poderia escrever sobre a nossa história de vida, ela me disse sobre algumas aventuras que já vivemos juntas, algumas bem divertidas e outras nem tanto. Essa foi em maio de 2007, comemoração do Dia das Mães no estádio Olímpico do Grêmio, foi um jogo que as mães não pagariam. Nossa aventura começou na Rodoviária de São Leopoldo, fomos eu, minha mãe, minha filha Roberta e meu irmão

mais novo Márcio, ambos gremistas, o combinado era esperar o ônibus que vinha de Novo Hamburgo, que passaria ali pra pegarmos nós e mais um pessoal que ia pro jogo junto, só que o tal ônibus não parou na rodoviária, ele parou na BR116.

Já brava, fomos a pé até a BR116, e minha mãe achando o máximo a nossa aventura, ela disse pra mim: “calma, filha, vamos ir para o jogo, atravessamos a passarela e pegamos o tal ônibus”. Eu, claro, muito brava quase briguei com o organizador da excursão. Ele pediu desculpas pra minha mãe e disse “tia, tua filha é muito brava”, minha mãe bem faceira foi sentada no melhor banco rumo ao Olímpico, o tal organizador do ônibus ainda disse ninguém para ninguém a incomodar. Chegando no estádio, ficamos nas arquibancadas no meio da torcida da geral, minha mãe bem faceira e o nosso Grêmio ganhou o jogo, na volta pra casa tudo foi tranquilo.

Outro fato importante comigo e minha mãe foi em fevereiro de 2008, este nem tanto divertido até chegarmos na Praia de Mariluz, onde estaria meu segundo filho, Rafael com a sua madrinha. Meu filho Rafael foi picado por uma aranha e precisou de atendimento no hospital de Osório, pois só lá teria o tal soro que ele precisaria usar para eliminar o veneno da aranha. Eu e minha mãe estávamos em Sapucaia do Sul. Com certeza, pra nós foi a viagem mais longa que fizemos até chegar no destino para vermos o Rafael, ela como mãe e avó me dizia: “calma, minha filha, vai dar tudo certo”. Ô mulher de fé essa é minha mãe, claro que deu tudo certo no atendimento com o meu filho Rafael, minha mãe agradeceu a todos no hospital pelo atendimento eu, claro, muito nervosa, e a dona Dolores sempre comigo. Minha mãe é meu exemplo de mulher e sempre será, com certeza, obrigada por ter me escolhido pra ser tua filha, obrigada pela avó que tu és com os meus filhos, e vamos juntas seguindo uma pandemia mãe, se Deus quiser um dia isso acaba.

